

O VÍRUS DOS DIABOS

Relato pessoal sobre os
efeitos sociais da pandemia
COVID-19

Alexandre de Brito Alves

O VÍRUS DOS DIABOS:

**RELATO PESSOAL SOBRE OS EFEITOS SOCIAIS
DA PANDEMIA - COVID-19**



Pedro & João
editores

ALEXANDRE DE BRITO ALVES

O VÍRUS DOS DIABOS:

**RELATO PESSOAL SOBRE OS EFEITOS SOCIAIS
DA PANDEMIA - COVID-19**



Pedro & João
editores

Copyright © Alexandre de Brito Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre de Brito Alves

O vírus dos diabos: relato pessoal sobre os efeitos sociais da pandemia - Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 41p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1352-1 [Digital]

1. Pandemia da Covid-19. 2. Relatos pessoais. 3. Efeitos sociais. 4. História de vida. 5. Autor brasileiro. I. Título.

CDD – 800

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Acompanhem-me ainda: hoje é tido como um dado científico, depois de 2002, quando James Lovelock e sua equipe demonstraram perante uma comunidade científica de milhares de cientistas na Holanda, que a Terra não só possui vida sobre ela. Ela mesma é viva. Emerge como um Ente vivo, não no sentido de um organismo ou um animal, senão de um sistema que regula os elementos físico-químicos e ecológicos, como fazem os demais organismos vivos, de tal forma que se mantém vivo e continua a produzir uma miríade de formas de vida. Chamaram-na de Gaia.

Leonardo Boff

SUMÁRIO

- 9 PREFÁCIO**
Marcos Carmo de Almeida
- 11 CAPÍTULO I**
As primeiras notícias sobre a Covid-19
- 13 CAPÍTULO II**
O Retorno para Bragança
- 17 CAPÍTULO III**
Efeitos da Covid-19 nos seres humanos
- 19 CAPÍTULO IV**
Educação e aulas remotas
- 21 CAPÍTULO V**
Final de março e início de maio de 2020: as primeiras mortes
- 23 CAPÍTULO VI**
Junho, julho, agosto e setembro de 2020
- 27 CAPÍTULO VII**
A Pandemia pelo mundo
- 29 CAPÍTULO VIII**
Dados da Covid pelo mundo

- 31 CAPÍTULO IX**
A Cloroquina e o vírus
- 33 CAPÍTULO X**
O Vírus e a Política
- 35 CAPÍTULO XI**
O Vírus e a economia de mercado
- 37 CAPÍTULO XII**
O Vírus e a economia de mercado
- 39 CAPÍTULO XIII**
As primeiras vacinas
- 41 SOBRE O AUTOR**

PREFÁCIO

O Professor Alexandre de Brito Alves, com seus singelos e atrativos relatos, nos traz a lembrança do pesadelo coletivo vivido em todas as partes do mundo e em todo o Brasil: a pandemia da covid-19.

Obrigação de usar máscara? Paralisação das atividades escolares? Restrição de atividades culturais? Isolamento? Tudo isto até o ano de 2020, no Brasil, parecia elementos de um roteiro de filme de ficção científica. Mas, infelizmente vivenciamos este filme real, esse drama, essa tragédia.

A mídia não parava de noticiar. Estão certos? É exagero? Era o que nos perguntávamos. Dava até briga na família se alguém saía sem máscara, aglomerava ou não higienizava as mãos com álcool.

Alexandre traz, em seu livro, lembranças de todas estas percepções, sentimentos angustiantes de incertezas e os grandes impactos que a pandemia causou em nossas vidas de cidadãos comuns.

São relatos singelos porque, com sua linguagem leve nos leva ao tempo e lugar de suas narrativas. E são atrativos, porque Alexandre, aparentemente, encarna um narrador-personagem que conversa com o leitor despertando a curiosidade e ganhando sua simpatia. Mesmo quando trata da narrativa de um vírus dos diabos.

Marcos Carmo de Almeida
Professor, poeta, historiador e sociólogo
Ipixuna do Pará
DATA: 05 de julho de 2024.

CAPÍTULO I

As primeiras notícias sobre a Covid-19

- Vamos voltar! Disse Tamara Kelly, professora de inglês da Escola de Ensino Fundamental Tiradentes, no Município de Ipixuna do Pará. Ela reforçava as notícias que circulavam nas redes sociais (*Facebook e WhatsApp*) e nos telejornais diários, a saber: de que o país iria parar em decorrência da Covid-19, classificada como um vírus que causa grande mal aos seres humanos como: febre, dores na cabeça, dores no corpo, dificuldades respiratórias e gripe.

Outro professor preocupado era Fabiano Calixto, que ministrava aulas de Língua Portuguesa.

- Alexandre tu não tens ideia de como é perigoso, olha ele se espalha rapidamente pelo ar, por isso é necessário que andemos de máscaras. Ele já tinha providenciado a sua e saiu com esta na face pela estrada de chão batido, da comunidade Enalco (município de Ipixuna), onde trabalhávamos.

- Vou me embora e não sei quando retorno (pensei). Ciente de que ficaríamos dias sem voltar ao trabalho.

Então, desloquei-me para Bragança, antes do fim de março de 2020. Cinco horas em viagem e praticamente ninguém usava máscaras nos ônibus e nas ruas. Eu próprio também não.

Cheguei em casa tranquilo, em 20 de março de 2020, no finalzinho do dia. Minha mãe recebeu-me com um breve abraço. Eu estava ciente de que aquilo logo iria passar, e depois de duas semanas tudo voltaria ao normal.

Na mesma semana, a então prefeita de Ipixuna do Pará, Katiane Cunha, publicou um decreto que nos garantia 15 dias sem trabalho. Porém, eu não imaginava que passaríamos o ano de 2020

sem trabalhar na escola, que a pandemia se alastraria tão rapidamente como ocorrera, causando milhares e milhares de mortes.

Cheguei à minha residência e tratei de me trancafiar. Disse a minha mãe que iria ficar em casa até que as coisas se acalmassem.

CAPÍTULO II

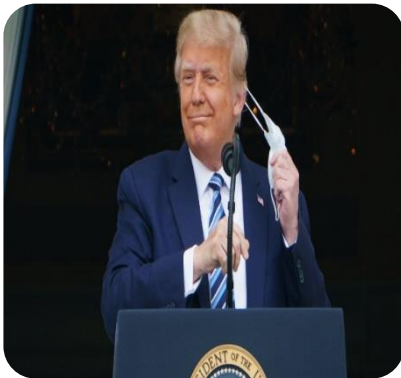
O Retorno para Bragança

No restante do mês continuei em casa. Os colegas de trabalho diziam que alguém viera da Itália em estado de contaminação. As localidades onde o suposto doente vivia eram, seguindo os falatórios, variadas, uns diziam que era Ipixuna, outros que era Paragominas, outros que era a pequena cidade de Aurora. A Itália naquele momento parecia vivenciar o caos, pelo menos se observássemos os noticiários dos telejornais. A televisão mostrava hospitais lotados e uma grande quantidade de pessoas que morriam diariamente. Os idosos pareciam ser as maiores vítimas da doença, que afetava demasiado o sistema respiratório.

O norte da Itália concentra 80% dos casos das infecções por 'Coronavírus, são 37. 834 casos contra 9.187 nas regiões centro sul. O norte também tem 87% os mortos. Nas regiões sul, no Hospital de Bergamo na Lombardia, as cenas são alarmantes, na terapia intensiva, os pacientes respiram dentro dessa espécie de bolha. E nos corredores, chegam novos doentes à espera de tratamento. O pessoal médico faz questão de mostrar o que acontece ali dentro, para que outros países se mobilizem e entrem em quarentena, o quanto antes.¹

¹ <https://www.youtube.com/embed/2vph1x4DCDc> title="Coronavírus: Itália registra recorde de 627 mortes em 24 horas" frameborder="0" allow="accelerometer; autoplay; clipboard-write; encrypted-media; gyroscope; picture-in-picture; web-share" referrerpolicy="strict-origin-when-cross-origin" allowfullscreen></iframe>. Acesso: 01 jun. 2024.

Por conta disto, ao ouvir falarem que o suposto contaminado veio da Itália, eu fiquei preocupado. Embora, outros países como Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, já estivessem vivenciado problemas relacionado ao cruel impacto da Covid-19. Os EUA, por exemplo, era o país que mais apresentava mortes pela pandemia no mundo. Ao saber daquelas notícias fiquei bastante supresso, que o país considerado o “paraíso da liberdade” estava sofrendo com um hospedeiro assassino. O presidente republicano Donalht Trump parecia compactuar com uma postura negacionista em relação ao que estava ocorrendo com seu povo, inobstante, acabou por mudar o tom de seu discurso, e adotar medidas de controle e investimentos para atacar a doença.



Logicamente que todo os alertas de jornalistas, cientistas e outros formadores de opinião sobre os impactos do vírus de maneira imediata, pareciam não fazer os efeitos esperados. O infame presidente do Brasil, Bolsonaro chegou a dizer, em seu primeiro pronunciamento em 24 de março de 2020, que tudo não passava de uma “gripezinha”. Esse primeiro discurso foi tão jocoso que viralizou como meme do próprio presidente.

O presidente brasileiro e sua política de negação da doença e de ataques as medidas de lockdown colocadas a efeito pelos

governadores permaneceriam durante toda a pandemia, mesmo diante de milhares de mortes diariamente. Os efeitos da doença seriam fortes e graves na sociedade, com mortes e pessoas sendo contaminadas diariamente, à jusante da crise econômica que já vinha se desenvolvendo, um cenário para a *tempestade perfeita*, como disse a professora Violenta Loureiro, em uma de suas aulas de Metodologias Avançadas em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará (UFPA). O vírus foi posto mediante uma situação “filosófica embaraçosa”, ou a economia para ou o vírus agride e, logicamente, continua seu ciclo natural. A grande questão é que a economia é feita por homens e se o vírus vence, a economia inexistente.

Em diversas vezes Bolsonaro chegou a dizer que “a economia não pode parar”, o que dava a entender que as pessoas deveriam se expor à doença e tentar continuar suas vidas normais. Parecia haver uma crível discrepância entre o governo e a sociedade, pois no cotidiano as pessoas se mostravam bastante preocupadas com a situação do mundo.

CAPÍTULO III

Efeitos da Covid-19 nos Seres Humanos

Os efeitos da pandemia da Covid-19 são avassaladores ao organismo humano. Os principais sintomas são: febre, tosse, cansaço, perda de



paladar (sintomas mais comuns) e dores de garganta, dor de cabeça, dores e desconfortos, diarreia, irritações na pele ou descoloração dos dedos dos pés ou das mãos, olhos vermelhos ou irritados (sintomas menos comuns); dificuldade para respirar ou falta de ar, perda da fala, mobilidade ou confusão, dores no peito (sintomas graves). Isso segundo as informações fornecidas pelas redes sociais e as mídias eletrônicas, que tremaram bastante.

Os telejornais mostravam constantemente os especialistas em saúde orientando as pessoas que, porventura sentissem algum sintoma, que procurassem o posto ou estabelecimento de saúde mais próximos. Alguns indicavam sete dias outros cinco aquando ocorressem as primeiras suspeitas, enfim, a recomendação era fica em casa! Fiquem em casa! Fiquem em casa! Mesmo as pessoas que não apresentassem nenhum sintoma deveriam ficar em casa para evitar possíveis contágios. Por outro lado, as pessoas que apresentassem algum tipo de sintoma deveriam se isolar. Os cuidados contra a doença incluiriam:

Cobrir a boca e nariz ao tossir ou espirrar; utilizar lenço descartável para higiene nasal; evitar tocar mucosas de olhos, nariz e boca; não compartilhar objetos de uso pessoal; limpar regularmente o ambiente e mantê-lo ventilado; lavar as mãos por pelo menos 20 segundos com água e sabão ou usar antisséptico de mãos à base de álcool; deslocamentos não devem ser realizados enquanto a pessoa estiver doente.²

Nas ruas de Bragança, as pessoas já começam a andar de máscaras e manter as distâncias nas nossas tradicionais filas para atendimentos nos órgãos públicos, embora fosse possível ainda observar aqui ou acolá algumas pessoas sem máscaras. Em um dia fui pagar um boleto na Caixa Econômica Federal, a mesma se localiza à margem da rua Nazeazeno Ferreira, rua principal de Bragança. Um carro de ambulância vermelho passou próximo da fila acionando sua sirene-perigo de maneira demasiadamente alta. As pessoas que estavam na fila se entreolharam e um silêncio pairou no ar. Todos bastante preocupados com o que poderia ocorrer, o pressentimento era bastante ruim e imaginávamos sempre o pior possível. Tive a impressão de que estava em um filme de terror, mas era um “terror real”. Coloquei o boleto no bolso de minha bermuda e pensei em voltar para casa, mas insistir até meu atendimento. O pior ainda estava por vim e resolvi proteger-me o máximo que podia.

² <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/25/saiba-quais-os-cuidados-basicos-para-reduzir-as-chances-de-contagio-por-coronavirus.ghtml>. Acesso: 28 mai. 2024.

CAPÍTULO IV

Educação e aulas remotas

Em contatos com os professores e outros amigos via *WhatsApp* discutíamos sobre a possibilidade do não retorno. Passados os 15 dias de validade do decreto, a prefeita de Ipixuna do Pará, Katiane Cunha, criou um novo decreto de mais 30 dias, e ficamos mais tempo sem trabalhar presencialmente. A escola Tiradentes continuou suas atividades, pouco mais de uma semana após nossa volta à casa a escola iniciou o processo de atividades remotas. Houve reuniões pelos *Google Meet*³ entre os profissionais da escola e foi acordado que enviaríamos atividades para os alunos fazerem em suas casas. Desta maneira continuaríamos nossos trabalhos. A coordenação e a direção escolar criaram grupos de *WhatsApps* e inseriram professores e alunos para envios e para recebimentos de atividades elaboradas pelos docentes.

Então começamos as aulas. Eu postava os áudios das aulas e enviava conteúdos e atividades para os discentes, porém poucos retornavam os materiais respondidos. Além do mais a taxa de participação e interação digital entre os alunos e eu, era praticamente nula. Entretanto, apesar das dificuldades serem muitas, eu continuava enviando atividades, lia os conteúdos e preparava os materiais e postava nos grupos do *WhatsApp*, entretanto, tinha a sensação de que estava enviando a fantasmas, pois os discentes não me retornavam, um ou outro o faziam. Geralmente perguntavam acerca do que a questão tratava e pediam alguma interpretação do texto.

³ Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pela Google.

A educação remota continuou até o fim do ano de 2020. Esse foi realmente um período de incertezas quanto ao futuro das crianças e jovens que estavam longe da escola. No caso dos alunos que residiam em cidades ou eram de famílias com renda maiores, era possível imaginar que eles estavam tendo acesso aos suportes necessários para receber as atividades, fazer pesquisas e responder as atividades que lhes eram entregues como suporte didático. Mas, por outro lado, as crianças mais pobres ou que pertenciam às famílias de baixa renda ou de grande vulnerabilidade social, a situação era de demasia preocupação, pois essas estariam sem os suportes necessários para seus estudos.

O ano de 2021 continuou em educação remota, uma vez que os casos de COVID-19 continuavam se alargando e ainda não havia sido desenvolvido uma forma de conter a doença, definitivamente. Os noticiários começaram a falar que os países já estavam desenvolvendo vacinas. Essa situação foi de grande monta, pois a única solução era de fato a vacina e não a cloroquina – essa – receita dos bolsonaristas para atacar a doença.

Os estudos dos cientistas demandavam tempo e recursos, porém era urgente uma solução e medida que tentasse minimizar toda aquele estrago global do vírus dos diabos.

CAPÍTULO V

Final de março e início de maio de 2020: as primeiras mortes

Entre os dias finais do mês de março e início de maio de 2020, fiquei em casa. Minha mãe ficava sempre preocupada “oh meu Deus, oh meu Deus”, dizia ela, quase que diariamente. Os telejornais insistiam em mostrar a trágica situação de outros países, mas já citavam os primeiros casos de morte no Brasil. Após o primeiro óbito no país, em meados de março de 2020, o número de mortes só aumentou, as pessoas, pouco a pouco, foram se transformando em números, e mais números, e mais números. Quando eu ligava a TV presenciava aquele gráfico crescendo e pensava: “quando esse gráfico vai parar”. Mas ele não parava, 30, 40, 50 mil e assim se foi. Era desesperador aquela situação. Minha vizinha me disse: “não assisto mais jornais não, não quero mais saber dessas notícias, a televisão escandaliza muito toda essa situação difícil”. Eu concordei um pouco com ela, sei que a TV é um produto que vende muitas notícias falsas, não obstante, era inegável a situação crítica de nossa sociedade.

Eu aproveitei para me distrair nos meus estudos, li meus livros de história, filosofia, economia, sociologia e literatura. Um me chamou bastante a atenção: “A Teoria dos Ciclos econômicos”, de um norte-americano chamado Mitchell, que considera as adaptações que a economia sofre em variados contextos das sociedades humanas e que, mesmo em situações difíceis, existem formas que se estruturam à realidade que se apresenta.

Pensei nisso, quando percebia que as pessoas começaram a utilizar máscaras e, muita gente, incluindo uma de minhas irmãs, começou a fazer máscaras para vender. Ela trazia umas para mim, atirava sob minhas bagunças: “pega essas máscaras aí, têm de

várias cores”. Eu pegava as máscaras e as utilizava quando saía às ruas. Confesso que não gostava de usar máscaras, pois me sentia incomodado com aquele pano apertando meu rosto. Comprei umas em farmácias, considerava-as mais confortáveis, se comparadas às que eram feitas artesanalmente.

CAPÍTULO VI

Junho, julho, agosto e setembro de 2020

A tragédia humana continuava a todo a vapor. Eu continuava em casa, lendo e escrevendo, quando não estava a fazer isso, me deslocava à casa de minha namorada, levava meus materiais de trabalho e por lá ficava. As aulas remotas começaram em agosto, assim, eu comecei a me revezar entre as funções de ser professor da educação básica e às de estudantes de doutorado em Sociologia, pela UFPA.

Mas, mesmo tentando fazer meus trabalhos e passar meu tempo com as coisas que gosto, não parava de ouvir notícias ruins e agora chegando mais próximo, isso quando começou a ocorrer notícias das primeiras mortes próximas. Um senhor que residia adjunto de casa veio a falecer.

- Sabe, o vizinho aqui próximo morreu de Covid: “Ai meu Deus o que será de nós”, dizia minha mãe. Eu não conhecia a pessoa que havia falecido, mas mamãe tentava me explicar.

- Tu não conheces, ele morava ali na outra rua, teu pai o conhecia.

Eu não conhecia a pessoa, entretanto, mamãe dava indicações como seu a conhecesse. O fato de falecer uma pessoa tão adjacente, me alertou ao fato de que os “números agora teriam rostos”.

Não demorou muito para que morresse um vizinho nas proximidades. Não sei o nome, porém, todos os conhecia pela alcunha de buchudo. A vizinhança dizia que ele era “negacionista”, que criticava as pessoas que utilizavam máscaras para suas proteções. Bom, não sei se isso era verdade, mas quando ele foi contaminado, foi levado ao hospital, todavia, não tinha

mais leitos à disposição, todos estavam ocupados e o paciente ficou sem atendimento e veio a falecer. As pessoas que sofriam pelos efeitos respiratórios da doença, quando não encontravam leitos disponíveis, ficavam à mercê da sorte.

Eu pensava bastante nesse vizinho, o que poderia acontecer naquelas redondezas. É lógico que havia muitas pessoas negacionistas, mas percebia que a maioria da sociedade estava ciente: a doença se alastrava rapidamente.

As informações em telejornais eram constantes, mas as redes sociais também divulgavam constantemente informações sobre a enfermidade. A quantidade de mortes só crescia e o Brasil chegava à quantidade de 48 mil mortes. Nosso país estava em segundo lugar entre os países que mais perdiam pessoas, ficava apenas atrás do Estados Unidos. Curiosamente, os países contavam com governos negacionistas, embora, no caso dos EUA, Donald Trump, por força da lógica, mudou o discurso com o tempo e passou a pregar investimentos em saúde e vacina, para conter os danos da doença.

Confesso, me surpreendeu bastante a enorme quantidade de ianques mortos, à medida que os EUA são vendidos pelos liberais brasileiros, como o “paraíso terrestre”. Não obstante, a pandemia mostrou suas incríveis falhas e ineficiências em conter a força da COVID-19, que impactou terrivelmente sua população. A vitória do democrata Joe Biden decorreu, dentre outras coisas, por realizar críticas ao seu opositor, por incompetência em lidar com o vírus. “Muitas pessoas morreram e muitas ainda vão morrer, a não ser que ele seja muito mais astuto e muito mais ágil”, disse ele a Trump durante um debate presidencial, o criticando pela negligência em relação aos cuidados com a doença.

Mas voltamos ao Brasil, nossa realidade estava a cada dia mais complicada. Com o vírus se espalhando e um governo que colocava duas condições que parecia negar a doença. Havia uma forte contradição entre a sociedade e o governo, pois enquanto este tentava fazer com que a vida e a rotina das pessoas fossem consideradas normais, aquela parecia se conscientizar da

gravidade e as pessoas andavam de máscaras, seguindo as recomendações dos especialistas, que todos os dias estavam em telejornais indicando que a melhor maneira de se proteger era justamente usar máscaras, enquanto não se havia encontrado vacinas para imunizar as pessoas.

Capítulo VII

A Pandemia pelo mundo

Os países procuravam adotar políticas de controle da doença, mas alguns, principalmente aqueles onde o vírus já tinha se espalhado, apresentavam grandes dificuldades para controlar os efeitos danosos. Na Europa, a Itália, a França e a Inglaterra, por exemplo, sentiram pesadamente os efeitos da doença. A Rússia, era aquele mistério para o Ocidente, entretanto o presidente Putin tentava dar um ar de tranquilidade em relação ao controle da proliferação. Ele defendeu que sua nação deveria criar sua própria vacina de modo a propiciar saúde e proteção a seu povo. A Rússia desenvolveu a Sputnik V, vacina para combater a Covid-19.

A Rússia também enfrentou uma série de dificuldades, pois, grande parte de sua população se recusava a experimentar as doses.⁴ Entretanto, apesar da resistência de muitos russos em usar o medicamento, o país, se comparado ao Brasil e aos EUA, teve perdas menores, em se tratando de perdas humanas e Putin demonstrava estar preocupado com o povo russo.

A China, ao que tudo indicava, estava controlando bastante o vírus, com uma pesada política de vigilância e controle sanitário. As poucas informações sobre aquele país indicavam, pelas falas do presidente Xi Jinping, que a China conseguiu controlar o vírus desde o início. A cidade de Wuhan, por exemplo, foi isolada imediatamente após a comprovação da doença. Os chineses se preocuparam em criar o *lockdown* total e instituíram um rígido controle à sua população. Os asiáticos, aí também incluindo Japão e

⁴ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/24/putin-diz-que-participou-de-testes-de-vacina-nasal-contracovid.ghtml>. Acesso: 11 fev. 2024.

a Coreia do Sul, realizaram rígidas campanhas para usos de máscaras e o isolamento social. Lembro que assisti a entrevista de uma japonesa dizendo que é normal na cultura dos países asiáticos o uso de máscaras e que não foi difícil educar as sociedades para tais ações. Ao contrário de muitos ocidentais que espalhavam teorias da conspiração, os orientais trataram de buscar soluções práticas para evitar a proliferação dos Sars-covid-19.

Os chineses, por exemplo, também trataram de desenvolver pesquisas para criar vacinas em parcerias com outros países.

Para a África e para o Oriente Médio, as mídias ocidentais davam poucas coberturas e eu não conseguia acompanhar as situações com relação àqueles países. Mas as situações por lá também pareciam está bastante crítica, a Índia, por exemplo, apresentava elevados indícios de contaminação e os ecos do negacionismo também se faziam presente no país mais populoso do mundo.

CAPÍTULO VIII

Dados da Covid pelo mundo

Os gráficos mostravam os Estados Unidos estariam no topo, com 207 mil óbitos, seguidos por Brasil (144.680), Índia (99.773), México (78.078), Reino Unido (42.292), Itália (35.918), Peru (32.463), França (32.034), Espanha (31.973) e Irã (26.567).⁵

Obviamente que esses dados eram sazonais e representavam um momento específico do acontecimento, pois os casos aumentavam diariamente e alguns países conseguiram controlar com o passar do tempo e outros, entretendo, apresentavam mais dificuldades em manter o controle da doença. O Brasil, ao que os dados mostram, era um dos países mais atingidos pelo movimento do vírus.

Logicamente que, enquanto uns países sentiam maiores dificuldades de controlar a doença, outros, todavia, mantinham um rígido e eficiente trabalho em seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), como exemplo, a mídia tradicional citava a Nova Zelândia como modelo de gestão da doença, com uma rígida política de controle e investimentos para a evitar a proliferação do vírus.

Falava-se também de Cuba e do Vietnã. Porém, era difícil fazer esse balanceamento no “calor do momento”, uma vez que, os focos dos telejornais estavam mais centrados para a Europa e os países mais ricos, do capitalismo. Passados quatro anos do início da pandemia, na internet, existem uns rankings sobre as nações que mais foram afetadas pela doença.

⁵ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54390838>. Acesso: 05 nov. 2023.

Eu acompanhava diariamente os telejornais, enquanto fazia minhas atividades intelectuais.

CAPÍTULO IX

A Cloroquina e o vírus

Um dia abri o facebook e me deparei com vídeo de um grupo de pessoas, falando: “não queremos a vacina, nós temos a cloroquina!”. Os manifestantes estavam com a bandeira verde-amarela. Achei aquilo jocoso e engraçado. Noutro dia, eis Bolsonaro apresentando a sua solução: “Cloroquina no traseiro!”. Pensei, quem será que está financiando isso, certamente uma grande rede de empresas e cientistas, interessada em ganhar dinheiro com esses *lobbys* e vendas desse remédio. As vacinas ainda não estavam prontas, uma vez que os países estavam movendo esforços para tal. A maioria dos brasileiros pareciam está esperando a vacina, todavia, um grupo pequeno fazia bastante barulho, apoiando o presidente.

Eu dei umas consultadas na internet para saber mais sobre a tal cloroquina e li que ela serve para tratamentos do ataque agudo da Malária *Plasmodium vivax*, *Plasmodium malariae* e *Plasmodium ovale*. Ao saber disso, pensei: “não é possível que as pessoas irão tomar isso”. Todavia, uns meses depois uma pessoa da área da saúde me disse que muita gente havia tomado o remédio e, por conta disso, acabaram por sentir pesados efeitos colaterais. Mesmo ouvindo isso, fiquei incrédulo e não acreditava em tal atitude. Pensei: “realmente Bolsonaro tem um grande poder entre as massas menos informada!”.

Com o tempo, a cloroquina ficou para trás e a vacina se mostrou eficaz!

CAPÍTULO X

O Vírus e a Política

Muitos mitos e ditos foram realizados a respeito do vírus, esse “bichinho” não humano, mas que provoca mortes e sofrimento aos seres humanos. Ele certamente não tem política, mas se tornou um “Ser” da política, ou ao menos, o centro do debate político. Muitos diziam o que o vírus não deveria ser “politizado”, porém, em contexto de grande embate entre esquerdas e direitas, ou progressistas e conservadores (para quem só ver o capitalismo no mundo), a Covid-19 se tornou peça central no debate público. Entre as esquerdas, havia sempre o discurso que o melhor remédio era o ficar em casa; seguir os ditos dos cientistas, ou seja, usar máscaras e fazer a higiene diária. O Estado, que é nossa fortaleza, deveria agir em favor da proteção do povo, tanto no que se refere à proteção individual, quanto à educação e à saúde. Para as esquerdas, o Estado deve direcionar políticas públicas, tanto que os partidos de esquerdas aprovaram as políticas de auxílios emergenciais para o povo que estava sofrendo com os danos da pandemia.

Para a direita, mas especialmente à extrema direita, havia certa ambiguidade em sua postura mediante o augúrio da vida. A super valorização do indivíduo em relação ao coletivo, colocava-o (o indivíduo) em uma condição de resistência frente ao vírus em uma espécie de lei do mais forte, àqueles que sucumbiam eram os fracos e os fortes deveriam lutar e vencer a “gripezinha” em uma luta desleal contra um inimigo invisível. As ações da extrema direita decorreram, ao que pareciam, mais por provações de outros, menos por seu próprio interesse. Talvez ela (a extrema direita) não esperasse que a pandemia ocorresse. Ela é preparada

para atacar as esquerdas; realizar *fake news* e propagandear suas guerras culturais e ideológicas e não para lidar com essas situações, sua sensibilidade para lidar com o sofrimento humano demonstrou ser mínima. Tal postura diante da vida atrapalhou em muito a contenção do avanço da pandemia pelo território nacional.

CAPÍTULO XI

O Vírus e a rotina de estudos

Logicamente que em meio ao contexto de forte pressão da doença tentamos continuar nossa rotina. Após uns seis meses comecei a sair um pouco de casa; ir ao banco sacar dinheiro, passear na praça; tomar umas cervejinhas, que não pode faltar-me e fazer as caminhadas, para tentar perder um pouco de massa. Quando caminhava pelas ruas de Bragança, percebia as pessoas tentando retornar suas rotinas, sempre protegidas pelas máscaras.

Nesse contexto, eu, entre 2020 e 2021, concluir praticamente todas as disciplinas obrigatórias do curso de doutorado em Sociologia, tais como: Teoria Sociológica 3, Epistemologia das Ciências Humanas; Seminários de Tese, dentre as outras. Os cursos *online* eram bons, mas eu sentia falta da presença humana em sala de aula; dos debates e, primordialmente, da presença dos professores e das conversas sempre agradáveis com os colegas de curso. Eu praticamente não vivi o curso de Doutorado como esperava, pois, faltou-me o calor das críticas humanas, embora, em 2022, tenha estudado uma última disciplina que faltava à conclusão, de maneira presencial.

O vírus afetou nossas interações sociais, pois diminuiu o contato mais estreito com as pessoas. Nesse contexto, a internet e os celulares foram nossos principais meios de interação com o mundo. A sociedade moderna já não tem tantos contatos pessoais, uma vez que as máquinas estão a cada dia mais mediando nossas relações com as particularidades do mundo. É o contexto da cibercultura, como escreveu Pierre Levy. Eu assistir bastante lives, talvez nunca tenha me preocupado tanto com coisas audiovisuais, quanto nesse período de pandemia. Lembro que assistir uma live

em que uma pesquisadora afirmava que as pessoas que têm um bom emprego e recebem um salário legal, seja do Estado, seja de alguma empresa privada, podem ser dar ao “luxo” de ficar em casa, porém existem aquelas que não podiam ficar em suas residências e para garantir suas necessidades básicas de sobrevivência ia às ruas trabalhar, seguindo a lógica do ‘humanista’ Bolsonaro, “a economia não pode parar!”.

Assim sendo, durante esse período aproveitei para estudar e avançar no processo de conclusão do doutorado, objetivo, até agora, ainda não alcançado. Fiz também um curso de Especialização *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino de História. Confesso, fiquei bastante decepcionado com esse curso, pois pensava que iriam apresentar metodologias para ensinar a disciplina História, e não foi isso que experimentei, ao contrário, estudei assuntos que já havia realizado na faculdade de História, na Universidade Federal do Pará.

CAPÍTULO XII

O Vírus e a economia de mercado

Muito se discutia na mídia, pelo menos na mídia alternativa, sobre a questão do vírus e sua relação com a economia de mercado. Alguns estudiosos diziam que o vírus afetaria a economia de mercado e conseqüentemente modificaria a relação da sociedade com a ideia de livre iniciativa e com a pouca intervenção do estado na economia. Outros, porém, eram bem mais céticos, pois afirmavam que a economia de mercado se reestruturaria e que iria continuar, mesmo após o fim da pandemia. Em meio a esse contexto de incertezas, o que sabíamos era que o Estado era bem mais eficiente no que pese a criação e execução de políticas de planejamento. A iniciativa privada mostrou-se pouco eficiente em se tratando dessas situações. Ora, como o principal alvo dos agentes privados não é a filantropia, mas o lucro, dificilmente um país gigantesco como o nosso resolveria a questão da pandemia apenas atendendo o interesse dos empresários. Em casos como esses, os serviços essenciais, como a saúde pública, manifestava-se ser eficiente pela ação e pelo planejamento de combate por parte do Estado, tanto foi verdade, que os países em que os estados mais atuaram foram os que mais tiveram êxitos na contenção da proliferação da doença.

Uma certeza, nós, “que somos pobres”, devemos ter, sem o Estado de bem-estar social, nossas condições de sobrevivência em momentos críticos são complicadas e difíceis, pois só a solidariedade não é o eficiente e o mercado não nos atenderá nessas circunstâncias.

Devemos, sim, continuar a pedir investimentos em saúde pública de qualidade, expandindo as unidades de saúde e a

criação e o aperfeiçoamentos de hospitais públicos para atender as demandas urgentes da sociedade. Desde a redemocratização brasileira na década de 1980, instituições de saúde têm sido criadas no território nacional para atender as necessidades de nosso povo (graças aos esforços de parte da sociedade civil e dos movimentos sociais organizados), todavia, ainda são necessárias melhorias nesse setor em prol do auxílio de todos. Mas, tenho convicção, de que, se não fosse nossas conquistas na área da saúde pública, a mortandade teria sido muito maior.

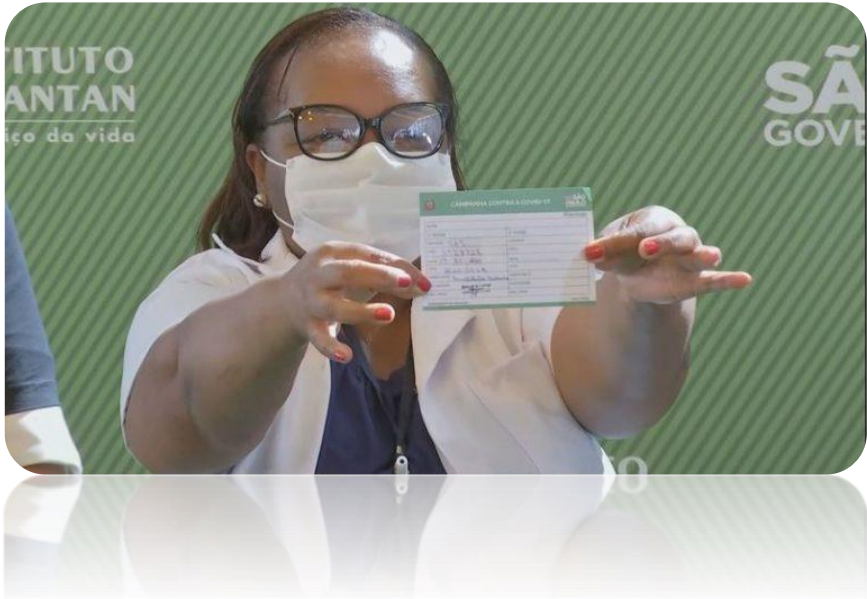
CAPÍTULO XIII

As primeiras vacinas

Uma verdadeira corrida pela vacina foi sendo elaborada pelos países, principalmente os países mais ricos e avançados no que pese às pesquisas em áreas de vacinas e, nesse aspecto, o Brasil se destaca como um dos principais. Entre as vacinas podemos destacar: AZD1222 (desenvolvido por AstraZeneca e Universidade de Oxford); a ConaVac; desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac e é produzida pelo Instituto Butantan, no estado de São Paulo; a Pfizer vacina norte-americana. Essa última, foi a que eu tomei.

Um simples ato de tomar vacinas, coisas que nunca gostei, passou a ser um fator de manifestação política, onde muita gente passou a postar fotos e vídeos seus, tomando o medicamento. Isso posto, em razão do forte negacionismo científico, que passou a compor os discursos de uma parte de nossa sociedade.

A primeira pessoa a tomar uma vacina anti-covid-19 no Brasil, foi uma enfermeira de nome Mônica Calazans, de 54 anos. Ela recebeu uma dose da coronavac, desenvolvida no Brasil, no Instituto Butantan.



A partir de então o Brasil começou o processo de vacinação de seu povo, a razão mostrou que a solução para o problema era antiga - vacinação das pessoas.

SOBRE O AUTOR

Alexandre de Brito Alves é ficcionista, professor e cientista social. Pela Pedro & João Editores é autor dos seguintes livros: “Argila Cinza”; “A Vida é Dura”; “Reminiscências da Rua 13 de Maio”; “Lembranças da Primeira Infância”; “Estrada Bragança-Ajuruteua: desenvolvimento e progresso (1975-1984)”; “Pós-colonialismo: por uma nova epistemologia das ciências do sul”; “Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975-1991)” e “O Sol da Manhã”. Atualmente é professor da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC) e da Rede Pública Municipal de Ipixuna do Pará (PA).

Alexandre de Brito Alves, com seus singelos e atrativos relatos, nos traz à lembrança do pesadelo coletivo vivido em todas as partes do mundo e em todo o Brasil: a pandemia da covid-19. São relatos singelos porque, com sua linguagem leve nos leva ao tempo e lugar de suas narrativas. E são atrativos, porque Alexandre, aparentemente, encarna um narrador-personagem que conversa com o leitor despertando a curiosidade e ganhando sua simpatia. Mesmo quando trata a narrativa de um vírus dos diabos.

Marcos Carmo de Almeida

Professor, poeta, historiador e sociólogo

Ipixuna do Pará

DATA: 05 de julho de 2024.

